

Diálogo sobre Ecologia, Ciência e Política.

César Benjamin (editor). Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Fórum de Ciência e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1993.

(Brochura)

ISBN 85-209-0412-2

Só mesmo o nosso ex-colega da Escola Nacional de Saúde Pública, César Queiroz Benjamin, poderia escrever um livro como este. Nele, tudo é ao mesmo tempo polêmico e didático.

Segundo o autor, trata-se de uma discussão sobre problemas ecológicos entre dois profissionais de formações distintas: um de Ciências Naturais e outro de Ciências Sociais. A nosso ver, porém, a coisa não é assim. Aquele que é apresentado como de Ciências Naturais parece-se mais com os atuais pesquisadores preparados no sistema burocratizado da pós-graduação. O seu pensamento é, tipicamente, o de um burocrata que completou todas as etapas da sua carreira: Mestrado, Doutorado, etc. O outro assemelha-se aos antigos cientistas, de ampla cultura geral.

Dois frases do primeiro capítulo, “Abertura: rumo à catástrofe”, merecem ser transcritas, pois combinam com a idéia que fazemos dos dois debatedores: “Na mitologia contemporânea, como se sabe, os computadores sempre dizem a verdade” e “O futuro catastrófico previsto para os países desenvolvidos — fome e desarticulação dos serviços essenciais — é apenas o dia-a-dia de boa parte da humanidade, hoje”.

Muito importante uma nota que, curiosamente, tem o número 13 e está na página 13. Ela mostra que a preocupação com o meio ambiente não é recente. Vem, pelo menos, do século

XVII e inclui até a extinção de espécies.

O capítulo “População: explosão ou transição” é muito útil, pois, apesar de o Prof. Mario Magalhães da Silveira ter demonstrado, em 1962, a falsidade das idéias de Malthus sobre população, este mito da explosão demográfica vem sendo difundido até hoje. Além do mais, o assunto é tratado com dados muito detalhados e de diversas fontes.

“Biodiversidade: defesa do futuro” discute o papel dos diversos níveis tecnológicos na agricultura e levanta problemas que podem advir do desenvolvimento da biotecnologia. Pela primeira vez vi esses problemas serem apresentados de forma entendível ao leigo.

Uma nota (142) sobre o problema da pesca na Amazônia define a situação atual: “A revolução tecnológica em curso na Amazônia (...) não é a da biotecnologia. É a da moto-serra e da rede de náilon, do trator e da geladeira”.

Além desta nota, por si só bastante esclarecedora, toda a problemática da Amazônia está apresentada com muita clareza.

A demagogia do efeito estufa está minuciosamente discutida. Por outro lado, a histeria a respeito do buraco na camada de ozônio está muito bem comparada com uma histeria semelhante, desenvolvida contra o DDT, ambas ligadas ao problema de patentes.

O problema da lei de patentes está muito bem explicado e, pelo andar da carruagem, as multinacionais vão acabar patenteando o conhecimento dos índios e dos caboclos.

Ao final do livro chega-se à seguinte conclusão: isto sim é que é ecologia.

Mario B. Aragão

Escola Nacional de Saúde Pública/Fiocruz

Planejar e Redigir Trabalhos Científicos.

Luis Rey. São Paulo: Editora Edgar Blücher Ltda., 1993. 318 p.

(Brochura)

O Prof. Luis Rey volta à arena da literatura científica com mais esta obra essencialmente didática e de incontestável utilidade prática. Em 318 páginas, o autor condensa uma enorme quantidade de informações, colocadas em seus

devidos lugares com muita precisão, em linguagem simples mas extremamente elegante.

Esta 2ª edição surge com várias modificações e ampliações. A primeira parte, inteiramente nova, contém 141 páginas dedicadas a assuntos relacionados com a pesquisa e com o pesquisador. Nas oito primeiras páginas, o leitor é iniciado, de maneira muito sutil mas objetiva, no trato com o conhecimento, com as formas do saber e com os compromissos sociais do